

**O PENSAMENTO
DIALÉTICO DE
ANTONIO CANDIDO E
SUAS CONTRIBUIÇÕES
À LITERATURA
COMPARADA NO
BRASIL**

PORTO, Ana Paula Teixeira¹
PORTO, Luana Teixeira²

¹ Mestre em Literatura Brasileira e doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora do Centro de Ensino Superior Dom Alberto.

² Mestre em Literatura Brasileira e doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora do Centro de Ensino Superior Dom Alberto.

RESUMO: Este trabalho apresenta reflexões sobre o pensamento dialético de Antônio Candido e suas contribuições à Literatura Comparada no Brasil. O estudo caracteriza-se como pesquisa analítica e toma como referência fundamental a obra *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* para discutir concepções inerentes à literatura e ao posicionamento crítico do ensaísta brasileiro. A obra de Candido é abordada procurando-se compreender o raciocínio apresentado pelo autor em sua tese sobre a constituição da literatura brasileira, a fim de discutir como o texto do autor relaciona-se aos estudos de literatura baseados em uma concepção comparatista. A obra de Candido, além de constituir avanços significativos na história da crítica literária no Brasil, colabora na reavaliação de conceitos iminentes aos estudos de literatura, propondo abordagens teóricas próprias e voltadas para a produção local. A investigação salienta que, muito além de referir-se a um método de estudo do texto literário, a posição de Candido alude a uma perspectiva dinâmica de crítica, a da observação à relação entre a obra e o seu condicionamento social, avaliando-se os vínculos entre este e aquela para se chegar a uma interpretação do texto literário, a qual não é mais pautada exclusivamente na análise da estrutura interna da obra. Candido, ao propor um método de investigação literária, reflete sobre a relação da literatura brasileira com a europeia e introduzir a disciplina literatura comparada na Universidade de São Paulo, em 1961, já exprime seu interesse e respeito pelos estudos comparatistas, e, além disso, assinala um momento decisivo no campo das pesquisas literárias comparatistas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido, Crítica Literária, Literatura Comparada

ABSTRACT: This paper presents reflections about Antonio Candido's studies and its contributions to the Compared Literature in Brazil. The study is an analytic research and it investigates the main work of author, the *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, to discuss inherent conceptions to the literature and the Brazilian essayist's critical positioning. Cândido's work is approached to understand the reasoning presented by the author in its thesis about the constitution of the Brazilian literature. This paper also discusses as the author's text links to the set literature studies in a compared conception. Candido's work constitute a significant progresses in the history of the literary critic in Brazil, it collaborates in the reassessment of immanent concepts to the literature studies, it proposes own theoretical approach and gone back to the local production. The investigation points out that, a lot besides referring to a method of study of the literary text, Cândido's position mentions to a dynamic perspective of critic, the one of the observation to the relationship between the literary work and its social conditioning, being evaluated the entails between this and that to arrive to an interpretation of the literary text, which is not exclusively more focused in the analysis of the internal structure of the work. Candido analyses the relationship of the Brazilian literature with the European and he introduce the discipline compared literature in Universidade de São Paulo, in 1961. The author already expresses an interest and a respect for the compared studies, and, besides, he marks a decisive moment in the brazilian literary and in the compared studies.

KEY-WORDS: Antonio Candido, Compared Literature

A historiografia literária brasileira tem sido marcada por algumas variações não apenas metodológicas³, mas também por distinções quanto a conceitos teóricos (como período, estilo, escola) utilizados na apreciação e avaliação que geram um juízo de valor sobre obras de escritores brasileiros. Um dos críticos literários mais respeitados no cenário nacional, Antonio Candido, numa abordagem materialista do fenômeno literário, em sua célebre *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, apresenta a idéia de formação da literatura brasileira a partir do conceito de sistema, que sustenta sua tese de que a literatura brasileira se constituiu plenamente no século XVII, época em que florescia o movimento arcadista⁴.

Com posicionamento que se diverge ao de outros críticos (como Haroldo de Campos) e discussões interessantes quanto à vertente metodológico-crítica e à formação da literatura brasileira, Antonio Candido colabora para a consolidação da historiografia literária brasileira e aprofunda as reflexões teóricas sobre o fenômeno literário. O trabalho de Candido é abordado procurando-se compreender o raciocínio apresentado pelo autor em sua tese sobre a constituição da literatura brasileira, a fim de discutir como o texto do autor relaciona-se aos estudos de literatura baseados em uma concepção comparatista. A relevância dessa reflexão assegura a importância desse autor na consolidação de uma tradição crítica brasileira.

A VISÃO SISTÊMICA DE ANTONIO CANDIDO

Concentrando-se na interpretação dos textos literários e valendo-se de obras informativas e críticas⁵, Candido inicia

³ Alguns críticos se baseiam em pressupostos históricos para análise de obras literárias, construindo uma crítica histórica da literatura, enquanto outros priorizam abordagens estéticas, ressaltando os aspectos formais dos textos literários e desconsiderando elementos extrínsecos à obra. Ainda há aqueles que, como Antonio Candido, optam por um método histórico e estético que articula forma literária, artística e estrutura social, histórica.

⁴ A utilização das palavras neoclássico e arcadista não tem a preocupação de distinguir os movimentos porque não é este o objetivo do trabalho, e por isso os termos serão usados como equivalentes, embora alguns autores façam a diferenciação entre as correntes.

⁵ No prefácio da primeira edição de *Formação*, Candido, ao explicar a elaboração de seu livro, afirma que seu trabalho visa a “um juízo crítico, fundado sobretudo no gosto” (2000: 10) e que algumas inspirações são resultado da leitura de *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, *Pequena História*, de Ronald de Carvalho, e *História*, de José Veríssimo, embora estas obras tenham sido pouco utilizadas.

a introdução da *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* expondo que seu livro “procura estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas” (2000: 23) e apresenta o seu ponto de vista sobre o processo formativo, o qual, segundo o autor, difere-se das formulações dos livros de história literária. Para explicar sua tese sobre a formação da literatura brasileira, o ensaísta aponta uma distinção entre “manifestações literárias” e “literatura *propriamente dita*”, já que estes conceitos são fundamentais para a caracterização dos momentos decisivos das belas-lettras brasileiras.

Para Candido, literatura propriamente dita é “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (2000: 23). Os denominadores são definidos pelo autor como elementos internos (língua, imagens, temas) e elementos de natureza social e psíquica, sendo estes os produtores literários (autor), o conjunto de receptores (leitor) e um transmissor (linguagem traduzida em estilos) que liga uns elementos aos outros. É sob este esquema triádico de autor-obra-público que Candido caracteriza a literatura e, neste sentido, na ausência de um desses elementos, não há sistema (ou seja, não se configura a literatura).

Ao definir literatura, Candido apresenta o pressuposto de literatura como “sistema literário no quadro mais amplo, da cultura brasileira” (BARBOSA, 1986: 100), em que sistema, por um lado, “é identificado na relação autor, obra e público, e, por outro, implica na idéia básica do jogo entre dependência e autonomia (velho *topos* de toda a nossa historiografia literária, ou para dizer de outro modo, a maneira pela qual a Literatura Brasileira foi traduzindo a cultura metropolitana dos países fontes e criando as condições para uma expressão brasileira” (BARBOSA, 1986: 100). O ponto de vista de Candido sobre a formação está pautado no triângulo sistêmico e na afirmação da literatura brasileira com características próprias, mesmo que ela sempre tenha dependido da influência de outras literaturas e tenha se consolidado como “galho secundário da literatura portuguesa”, que por sua vez é “arbusto de segunda ordem no jardim das Musas” (CANDIDO, 2000: 9).

O autor afirma que a integração de escritores com o sistema contribui para a formação da continuidade de produção, que permite a transmissão literária entre os autores, assegurando um movimento conjunto que define as características do todo e assim configura a tradição: “É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização” (2000: 24). Essas observações apontam uma abordagem da obra em um sistema literário articulado, pois uns textos podem interferir na composição de outros, construindo um “estilo” característico de um grupo de obras ou escritores, o que garante a formação de uma tradição literária.

Para Candido, a constituição do sistema literário depende da formação de grupos, da elaboração de uma linguagem particular e do interesse pela obra, sem os quais não há sistema, mas manifestações literárias, identificadas no Brasil no “período formativo inicial que vai das origens, no século XVI, com os autos e cantos de Anchieta, às Academias do século XVIII” (2000: 24). A partir dessas formulações, o ensaísta apresenta algumas concepções que inovam o trabalho da crítica literária pautado em um conceito particular de literatura e sua formação.

Vendo a literatura como sistema dependente do triângulo autor-obra-público em interação dinâmica, Candido afirma que a literatura brasileira se configura no século XVIII, (quando o momento é marcado pelas correntes de gosto e pensamento, denominadas de Neoclassicismo, Ilustração e Arcadismo), pois neste período consolidam-se conjuntamente os três elementos fundamentais do sistema literário e observa-se “uma continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária” (2000: 24) que adquire “plena nitidez na primeira metade do século XIX” (2000: 24).

Para o crítico, antes do século XVIII, a produção artística, desde o teatro de Anchieta até o barroco de Gregório de Matos e Vieira, configura-se como manifestação literária e

não literatura propriamente dita porque o sistema não estava plenamente constituído (não havia ainda um público-leitor). Esta tese foi contestada por Haroldo de Campos (1989) e em resposta a críticas, no prefácio da segunda edição de *Formação*, Candido reitera a idéia de que a literatura como sistema se estabelece somente no século XVIII e que esta posição não nega a existência de literatura nos momentos anteriores:

jamais afirmei a inexistência de literatura no Brasil antes dos períodos estudados. Seria tolice pura e simples, mesmo para um ginasiano. No sentido amplo, houve literatura entre nós desde o século XVI; ralas e esparsas manifestações sem ressonância, mas que estabelecem um começo e marcam posições para o futuro. Elas aumentam no século XVII, quando surgem na Bahia escritores de porte; e na primeira metade do século XVIII as Academias dão à vida literária uma primeira densidade apreciável (CANDIDO, 2000: 15)

Enfático, o autor acrescenta que “a [literatura] brasileira não nasce, é claro, mas se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo, que vinha antes e continua depois” (2000: 16). Como até o século XVII, o sistema literário não estava instituído, Candido exclui Gregório de Matos da formação da literatura brasileira, pois, “embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo (...). Antes disso, não influiu, não contribuiu para formar o nosso sistema literário” (2000: 24). A colaboração de Gregório de Matos na literatura brasileira, segundo o ensaísta, poderia ser a de delimitar a independência de nossa literatura, que adquire autonomia, distinguindo-se da portuguesa, se o ponto de análise fosse calcado no problema da autonomia. Entretanto, a posição de Candido não é baseada na autonomia, mas no papel dos escritores na formação do sistema, no “início de uma literatura propriamente dita, como fenômeno de civilização” (2000: 28), o que não se define com as produções artísticas do movimento barroco brasileiro conforme destaca o crítico, que vê neste fator uma justificativa para a eliminação do Boca de Inferno da formação da literatura brasileira.

Negando Gregório de Matos no processo formativo da literatura brasileira, Candido apresenta os árcades mineiros como os homens de letras que formam conjuntos orgânicos e

manifestam “em graus variáveis a vontade de fazer *literatura* brasileira” (2000: 25) e, assim, fundam “uma tradição contínua de estilos, temas, formas ou preocupações” (2000: 25). Nessa perspectiva, a formação é configurada pelas Academias dos Seletos e Renascidos e pelos primeiros textos de Cláudio Manuel da Costa, datados de 1750. A referência do ensaísta aos escritores neoclássicos como os “instauradores” da literatura brasileira é justificada por Célia Pedrosa, que avalia a concepção de Candido, afirmando que a tese do crítico está fundamentada na atividade de duplo gume dos árcades, pois estes

Por um lado, adequaram-se à cosmovisão racional e universalizante da filosofia e à linguagem literária pautada pelos parâmetros, tidos como ideais, da Antigüidade greco-latina. Por outro lado, essa cosmovisão e essa linguagem foram o móvel de uma prática literária, pela primeira vez organizada coletivamente, em que a imaginação lírica e subjetividade se associava a engajamento político (PEDROSA, 1992: 130).

Na tentativa de provar que os escritores brasileiros eram tão capazes quanto os europeus, os autores neoclássicos, mesmo expressando uma realidade individual, voltavam-se para temas e sentimentos brasileiros, construindo uma “literatura empenhada” na confirmação da habilidade artística dos brasileiros. A utilização deste conceito de literatura empenhada por Candido procura mostrar que os escritores do século XVIII, além da necessidade de afirmação, concebiam a literatura como um elemento importante na estruturação do Brasil e, por isso, consideravam “a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los” (2000: 26).

Candido ressalva que a tomada de consciência dos escritores árcades brasileiros ocasionou algumas vezes um “prejuízo e desnorteio, sob o aspecto estético” (2000: 26), pois a “obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral” (2000: 26), a qual consolida um nacionalismo artístico,

contribuiu para certa renúncia à imaginação ou certa incapacidade de aplicá-la devidamente à representação do real, resolvendo-se por vezes na coexistência de realismo e fantasia, documento e deva-

neio, na obra de um mesmo autor, como José de Alencar. Por outro lado favoreceu a expressão de um conteúdo humano, bem significativo dos estados de espírito duma sociedade que se estruturava em bases modernas (CANDIDO, 2000: 26-27).

O crítico acrescenta que o esforço de glorificação dos valores locais apresentado pelos neoclássicos é resultado de condições históricas, “quase imposição nos momentos em que o Estado se forma e adquire fisionomia nos povos antes desprovidos de autonomia ou unidade” (2000: 27). Para o ensaísta, a postura dos árcades brasileiros, além de sinalizar uma certa maturidade em nossas belas-letas, incutindo e reforçando a vocação dos escritores, “compromete a universalidade da obra, fixando-a no pitoresco e no material bruto da experiência, além de querê-la, como vimos, empenhada, capaz de servir aos padrões do grupo” (2000: 27).

A não constituição de um sistema literário antes do século XVIII e a contribuição dos escritores neoclássicos, com seu “instinto de nacionalidade” (para retomar expressão de Machado de Assis) e seu papel na configuração do sistema, são argumentos que Candido apresenta para fundamentar seu ponto de vista da formação da literatura brasileira, sob uma perspectiva histórica, e assim não assegurar Gregório de Matos no processo formativo da produção literária do Brasil.

Candido explica que sua *Formação*, um livro de história literária (sobretudo estudo de literatura), está baseada em uma visão histórica, que pressupõe que “as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização” (2000: 29). O autor argumenta que a escolha deste ponto de vista não reduz o texto literário a um “episódio de investigação da sociedade” (2000: 29), que era o objetivo do velho método histórico, nem toma as obras como “meros documentos, sintomas da realidade social” (2000: 29). Desse modo, um dos postulados da obra do ensaísta é o de “apreender o fenômeno literário da maneira mais significativa e completa possível, não só averiguando o sentido de um contexto cultural, mas procurando estudar cada autor na sua integridade estética” (2000: 29). Para Candido, o trabalho do

crítico consiste na articulação simultânea do sentido histórico de conjunto das obras e a especificidade dos autores.

Para o desenvolvimento de seu projeto crítico, Candido vale-se de diferentes formas de leitura, as quais se definem por um estudo analítico e interpretativo que se inicia com a impressão (prática da percepção), passa pelo nível da análise (em que se compara e compreende o fenômeno literário de modo objetivo) e, por fim, chega a um juízo, “que não é julgamento puro e simples, mas avaliação, - reconhecimento e definição de valor” (2000: 31). De acordo com o intelectual, a “crítica viva”, pautada em um caminho de investigação que não é único, é construída por estas etapas que consistem no perceber, no compreender e no julgar.

Ainda referindo-se às atitudes críticas, Candido comenta outras teorias críticas, como a formalista, que, segundo o autor, não passa “de técnicas parciais de investigação” (2000: 32) e, por suas limitações, tende a desvirtuar o trabalho de interpretação do fenômeno literário. A posição do ensaísta sublinha sua repulsa aos estudos que abordam exclusivamente a análise formal de obras literárias, como propunham formalistas e estruturalistas nos anos 40 e 50, que são atacados por Candido ao defender sua posição sociológica: “Este estruturalismo radical, cabível como um dos momentos de análise, é inviável no trabalho prático de interpretar, porque despreza, entre outras coisas, a dimensão histórica, sem a qual o pensamento contemporâneo não enfrenta de maneira adequada os problemas que o preocupam” (2000b: 15).

Para Candido, “importa no estudo da literatura o que o texto exprime” (2000: 35) e a tarefa do crítico é a de averiguar até que ponto fatores externos interferem na elaboração do conteúdo humano da obra, que é dotada de uma realidade própria, pois inventa uma vida nova através da organização formal do texto. Ligia Chiappini (1992) enfatiza que a articulação dinâmica da forma literária com a estrutura social, além de impedir Candido de se pautar no paralelismo positivista, vai de encontro ao biografismo, sociologismo, esteticismo, formalismo e historicismo, que tendem a uma abordagem reducionista do fenômeno literário.

Apresentadas as considerações quanto ao que é o trabalho da crítica, Candido parte para a explicitação de concei-

tos utilizados em sua história literária. De acordo com o intelectual, a concepção de período é usada incidentalmente, sem preocupação com uma distinção rigorosa, pois seu

intuito foi sugerir, tanto quanto possível, a idéia de movimento, passagem, comunicação, - entre fases, grupos e obras; sugerir uma certa labilidade que permitisse ao leitor sentir, pó exemplo, que a separação evidente, do ponto de vista estético, entre as fases neoclássica e romântica, é contrabalançada, do ponto de vista histórico, pela sua unidade profunda. À diferença entre estas fases, procuro somar a idéia de sua continuidade, no sentido da tomada de consciência literária e tentativa de construir uma literatura (CANDIDO, 2000: 36).

Ao buscar a identificação de ocorrência e retomada de temas por gerações sucessivas através do tempo, Candido opta pela concepção de tema e, com isso, abole a de geração, considerada uma “visão mecânica” que impõe “cortes transversais numa realidade que se quer aprender em sentido sobretudo longitudinal” (2000: 36). O intelectual também adverte que a ampla utilização do conceito de influência numa perspectiva não-dogmática é perigosa, já que, além de ser difícil de discernir coincidência, influência e plágio e de a influência apresentar sentidos variáveis, não é possível definir se as influências apontadas são significativas ou principais, uma vez que algumas não são muito nítidas, e algumas nem sempre são conhecidas. Por considerar frágeis esses conceitos, Candido, ao finalizar sua exposição do capítulo introdutório do livro, elege a *coerência* interna e externa (fase, corrente, grupo) da obra como eixo de seu estudo interpretativo, definindo-a como

a integração orgânica dos diferentes elementos e fatores, (meio, vida, temas, imagens, etc.), formando uma diretriz, um tom, um conjunto, cuja descoberta explica a obra como *fórmula*, obtida pela elaboração do escritor. É a adesão recíproca dos elementos e fatores, dando lugar a uma unidade superior; mas não se confunde com a simplicidade, pois uma obra pode ser contraditória sem ser incoerente, se as suas condições forem superadas pela organização formal (CANDIDO, 2000: 37).

Do ponto de vista conceitual, Candido formula sua própria concepção teórica, mencionada na introdução de sua obra. Carlos Guilherme Mota, que comenta o método do ensaísta, afirma que “Rompido, em suma, com a perspectiva (ideológica) da história das gerações, [Candido] afasta-se também dos

perigos do historicismo que se esconde sob o problema das influências (enquanto fator explicativo). Recusa o esteticismo, em seus excessos formalistas, mas o entende enquanto reação ao ‘velho método histórico’” (MOTA, 1978: 178).

A PERSPECTIVA CRÍTICA DE ANTONIO CANDIDO E A LITERATURA COMPARADA

Ao discutir textos de autores brasileiros, a obra de Candido, além de constituir avanços significativos na história da crítica literária no Brasil, colabora na reavaliação de conceitos imanentes aos estudos de literatura, propondo abordagens teóricas próprias e voltadas para a produção local. Fatores como estes confirmam a pertinência da discussão da obra do ensaísta, para que sejam esclarecidas não apenas algumas formas do raciocínio do crítico um como também a proposta de um autor que interferiu decisivamente no desenvolvimento da literatura comparada no Brasil.

Candido recusa-se a tratar a significação literária através de um estudo intrínseco do texto como postulam as “teorias da literariedade”⁶, que apostam que o sentido de uma obra é determinado pela variação semântica dos termos e assim a significação é interiorizada, fazendo parte da estrutura da obra. O ensaísta ultrapassa os limites impostos pela corrente de estudos imanentes da literatura e adere a perspectiva segundo a qual a circunstância externa, transformada pela linguagem da obra, passa a ser um elemento interno, isto é, passa a fazer parte da forma. Subjacente em *Formação*, esta abordagem aparece nitidamente em *Literatura e sociedade* quando Candido declara que a integridade da obra

só a podemos entender fundido texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (CANDIDO, 2000b: 4).

⁶ Esta expressão foi utilizada por Barbosa (1974), que a toma emprestada da designação yakobsoniana.

Além de referir-se a um método de estudo do texto literário, a posição de Candido alude a uma perspectiva dinâmica de crítica, a da observação à relação entre a obra e o seu condicionamento social, avaliando-se os vínculos entre este e aquela para se chegar a uma interpretação do texto literário, a qual não é mais pautada exclusivamente na análise da estrutura interna da obra⁷. Candido, ao fundamentar sua crítica literária com considerações externas e internas e ao estabelecer que não há crítica fora da história, indica um viés comparatista na elaboração de sua *Formação*, na medida em que suas proposições não se restringem à utilização de apenas um ponto de abordagem, como praticavam alguns críticos, mas direcionam o olhar crítico a partir de focos distintos.

Tânia Franco Carvalhal, ao discutir a relação de Candido com a literatura comparada, destaca que na obra do professor “é possível não só identificar uma indicação comparativista mas colher a ilustração de análises exemplares nesse domínio de investigação e, sobretudo, delas retirar noções que renovam atitudes convencionais e orientam para uma concepção original de comparativismo literário no Brasil” (1988: 13).

Ainda é necessário ressaltar que a interdisciplinaridade, elemento significativo nos estudos comparatistas, transparece no trabalho do intelectual, já que Candido vale-se de dados psicológicos, sociológicos, históricos, lingüísticos e estéticos para explicar e avaliar as obras, mostrando que sua perspectiva é pautada em concepções comparatistas, apesar de esta terminologia não ser adotada pelo crítico.

Carvalhal ainda chama a atenção para o uso do conceito de intertextualidade na obra de Candido, pois o intelectual “sempre põe em relevo os elementos que ‘circulam no subsolo dos textos’ como reminiscências de leituras e dados que fazem parte do patrimônio mental do escritor” (1988: 14). Acrescenta-se a estas observações que Candido, ao mencionar na introdução

⁷ Quanto à concepção teórica do intelectual, Pedrosa afirma que “Candido critica o mecanicismo e o dogmatismo da sociologia marxista, mas dela resgata a preocupação com as relações entre literatura e sociedade, bem como com o significado político de suas análises. Condena o esteticismo impressionista, mas nele ressalva a importância atribuída aos aspectos psicológicos que presidem tanto a atividade de escritura quanto a de leitura do texto literário” (PEDROSA, 1992: 132).

de sua obra o conceito de influência, embora o considere perigoso, interessa-se por ele, pois as leituras das obras brasileiras expostas ao longo do livro mostram que o ensaísta preocupa-se em identificar formas de absorção, transformação e afastamento de modelos feitas pelos escritores nacionais. Estes últimos conceitos, abordados indiretamente por Candido, são reforçados e discutidos por críticos contemporâneos, como Leyla Perrone-Moisés (1998) e Sandra Nitrini (1997), que se dedicam a refletir sobre os pressupostos teóricos da literatura comparada enquanto método de investigação intelectual.

Quanto à tendência comparatista nos estudos literários brasileiros, Candido afirma que, ao se basear nos modelos europeus para se avaliar a produção local, a crítica brasileira já praticava literatura comparada, apesar de a disciplina não ser formalmente institucionalizada no Brasil, e o intelectual vai além, mostrando exemplos que comprovam “a existência de uma vocação comparatista espontânea e informal, como algo coextensivo à própria atividade crítica no Brasil” (1993: 213). Embora as reflexões de Candido refiram-se ao trabalho de críticos que o antecederam ou aos seus contemporâneos, é inegável a visão comparatista na obra do ensaísta, não apenas porque o autor apela para uma abordagem interdisciplinar, mas também porque reavalia tradicionais conceitos e propõe outros, mais adequados à sua proposta, colaborando para a reflexão teórica que fundamenta a literatura comparada.

Candido, ao introduzir a disciplina literatura comparada na Universidade de São Paulo, em 1961, já exprime seu interesse e respeito pelos estudos comparatistas, e, além disso, assinala um momento decisivo no campo das pesquisas comparatistas brasileiras, uma vez que incentiva este tipo de investigação, orientando dissertações de mestrado e teses de doutorado baseadas na visão comparatista de obras e escritores brasileiros e estrangeiros. Além de os escritos de Candido possibilitarem um refinamento na leitura de obras, é impossível ignorar o papel desse intelectual em fundar um debate crítico consistente acerca dos problemas culturais e concepções literárias. Seja na formulação de uma tese original para a explicação da formação da literatura brasileira, seja na proposta de reflexão de conceitos teóricos, a contribuição do sociólogo à literatura comparada no Brasil é digna de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. Significação e metáfora: algumas reflexões sobre as relações entre literatura e sociedade. *Trans/formação*. Nº 1, 1974. p. 91 – 104.

_____. A trajetória de um crítico. *Língua e literatura*. Nº 15, 1986. p. 95 – 104.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Literatura comparada. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. (b)

CAMPOS, Haroldo de. *Seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.

CARVALHAL, Tânia Franco. Antonio Candido e a literatura comparada no Brasil. *Anais do I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada: Intertextualidade e Interdisciplinaridade*. Porto Alegre. 1988. Vol. 1. p. 13-16.

CHIAPINNI, Ligia. Os equívocos da crítica à *Formação*. In: D'INCAO, Maria Ângela et al (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933 – 1974: pontos de partida para uma revisão histórica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1978.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ed. USP, 1997.

PEDROSA, Célia. Os dois gumes da história. In: D'INCAO, Maria Ângela et al (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.